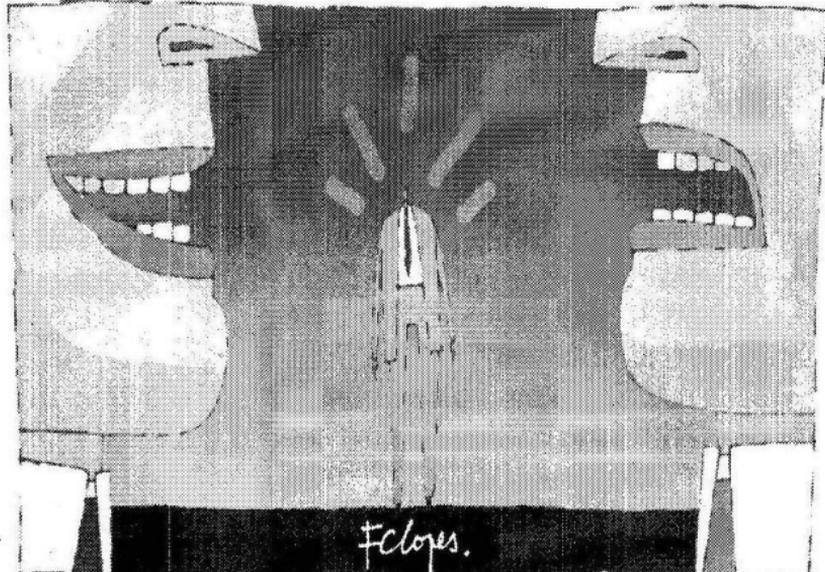




# NAS ENTRELINHAS

por Ugo Braga

e-mail ugo.braga@correioweb.com.br



## Marina e as duas faces do governo

O Salão Verde da Câmara dos Deputados costuma ser uma espécie de espelho cristalino da política brasileira. Ontem, por exemplo. Enquanto Marina Silva pedia demissão no palácio do outro lado da rua, já havia congressista dando a notícia do lado de cá. Depois, também por lá, chegaram em primeira mão as primeiras informações dos motivos que a levaram a pedir o boné. Tanto as protocolares quanto as de bastidor. Em seguida à catarse inicial brotaram parlamentares dos matizes diversos. Os mais afeitos às questões ambientais a lamentar profundamente o ocorrido. Outros, autoproclamados ligados à produção, sorriam gostosamente pelo mesmo motivo. Só o governo esteve silencioso, desinformado e hesitante. Eis um bom motivo para reflexão.

Tomemos por perspectiva a discussão tal como ela se apresentou no meio político.

Para os ambientalistas, a ministra era uma guardiã, de comportamento tão sereno e personalidade tão doce, ainda que povoada de idéias inflexíveis, que sua mera presença garantia o devido respeito, por parte do governo, a políticas de manejo sustentável, equilibradas do ponto de vista ecológico.

Para os, digamos, "producionistas", Marina era um entrave, um inconveniente, embebida de ingenuidade ideológica suficiente para lutar de forma irracional contra investimentos produtivos em fronteiras agrícolas inexploradas.

É pouco relevante a discussão sobre qual lado está certo. Ambos têm argumentos igualmente consistentes. De espantar é que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha levado seis anos para dar cabo a um conflito tão patente dentro de seu governo. E que, ao fazê-lo, não tenha procurado o meio-termo, aclamado como ponto geográfico da virtude em qualquer ambiente de debate intenso.

### Sem chance de paz

Há uma contradição inevitável entre as políticas defendidas pelos dois lados.

A ministra Marina Silva incorpora um interesse difuso da humanidade. Qual seja, o de impedir que se consumam irremediavelmente os meio naturais que propiciam o combustível da própria existência — o oxigênio processado a partir de gás carbônico pelas florestas e matas mundo afora. Por esse prisma, os animais nativos, que fazem transitar as sementes pelas quais as espécies vegetais se reproduzem e se multiplicam, também são objetos de proteção.

Num país pobre, lutar por tais ideais é o mesmo que impedir fazendeiros de cultivar alimentos ou animais de criação em mais, novas e melhores terras; de dificultar que empresas aluguem áreas imensas ao construir barragens de usinas hidrelétricas necessárias tanto para energizar o crescimento econômico quanto para tirar pessoas da escuridão — sim, as há no Brasil do século 21. Por fim, significa zelar pelo espírito, enquanto o corpo morre de fome.

### Projeto eleitoral

As sucessivas derrotas nos embates internos praticamente expulsaram Marina do governo. Por eliminação, não especulará com má-fé quem conclua que, entre corpo e espírito, o Palácio do Planalto preferiu o primeiro. Demorou, mas fez uma escolha muitíssimo delineada.

Seus motivos são também cristalinos. Nos primeiros dias de governo, o próprio presidente Lula havia argumentado, em defesa das políticas compensatórias, que a fome não espera. Portanto, cabia ao Estado dar dinheiro aos pobres e miseráveis antes mesmo de lhes propiciar a educação com que passariam a se sustentar sozinhos.

Trata-se, agora, do mesmo marco teórico, só que extrapolado. Não dá para pensar no futuro da humanidade com tantos brasileiros sem emprego, sem energia, sem perspectiva. Essas pessoas estão aqui, agora e precisam que as diversas obras e projetos encalhados por problemas de licenciamento ambiental saiam do papel o quanto antes.

Gostaria de acreditar que tal idéia permeasse o governo por altruísmo e por uma legítima preocupação com seu povo. Infelizmente, o comportamento das autoridades nos eventos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) transmite outra coisa, bem menos glamourosa: de que trata-se muito mais de meios para garantir que um aliado vença a próxima eleição presidencial.

**É DE ESPANTAR QUE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA TENHA LEVADO SEIS ANOS PARA DAR CABO A UM CONFLITO TÃO PATENTE E QUE, AO FAZÊ-LO, NÃO TENHA PROCURADO O MEIO-TERMO, ACLAMADO COMO PONTO GEOGRÁFICO DA VIRTUDE EM QUALQUER AMBIENTE DE DEBATE INTENSO**